

UM EDUCADOR ITALIANO EM S. PAULO ENTREVISTA COM O DR. UGO PIZZOLI E COM O COMM. TIBURTINO MONDIN PESTANA

 <https://orcid.org/0000-0002-7779-6479>, Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa ^A

^A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 27 out. 2022 | Aceito em: 02 dez. 2022

Correspondência: Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa (darosahugo@gmail.com)

Introdução

Em 1914, às vésperas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a convite de autoridades do governo de São Paulo, Ugo Pizzoli (1863-1934) veio ao Brasil para ministrar cursos de Pedagogia e Psicologia Experimental. O objetivo era ensinar a professores, inspetores e diretores de escolas as modernas teorias e métodos em Antropologia, Fisiologia e Psicologia para que pudessem ser aplicados à solução de problemas pedagógicos.

Por problemas pedagógicos, leia-se a administração de técnicas em laboratório para identificar os *anormais escolares*. A partir de exames antropométricos, fisiológicos e psicológicos, os alunos eram avaliados e, uma vez classificados conforme o grau de anormalidade, por exemplo, *débil mental*, *imbecil* ou ainda *idiota profundo*, terminologias que poderiam variar conforme os modelos de classificação, cabia à administração escolar as medidas necessárias para a correção ou tratamento do aluno.

O processo de exame produzia descrições e números que compunham um documento que ficou conhecido entre os educadores paulistas como folha ou carteira biográfica escolar. Cada aluno deveria ter a sua, a ser preenchida pelos educadores conforme a realização dos exames. O próprio Pizzoli foi autor de um modelo de carteira e defendeu seu uso enquanto instrumento de registro.

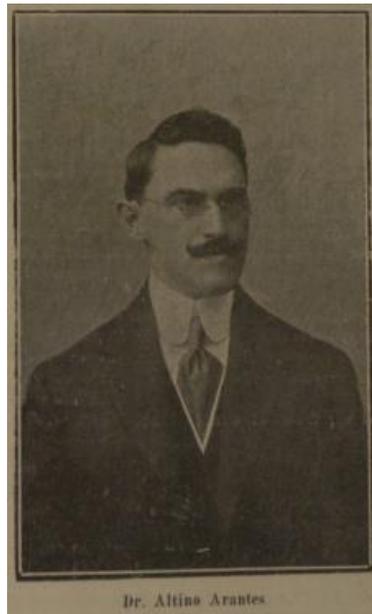
Para que isso fosse possível, recorria-se ao auxílio de aparelhos de laboratório, em geral caros e que precisavam ser importados de empresas europeias. Além disso, o manuseio dos equipamentos necessitava de conhecimento teórico e treinamento técnico, por isso a importância da vinda de personagens como Pizzoli ao Brasil. Para que Pizzoli pudesse desempenhar a sua função, era necessário, assim, que tivesse à sua disposição um acervo de



equipamentos. Foi justamente no Gabinete de Antropologia Pedagógica e Psicologia Experimental, cuja instalação teve início alguns anos antes na Escola Normal Secundária de São Paulo, que Pizzoli ministrou suas aulas. Na verdade, apesar da criação do Gabinete ser anterior à chegada de Pizzoli, ele próprio colaborou na organização do espaço, importação e montagem de instrumentos, tendo sido inaugurado formalmente quando esteve em São Paulo.

Finalizadas as suas atividades docentes em São Paulo, Pizzoli concedeu uma entrevista que foi publicada em novembro de 1914 na revista *La Rivista Coloniale*, periódico sediado em São Paulo e voltado para os interesses da comunidade italiana no Brasil. A entrevista é parte de uma matéria que está estruturada da seguinte maneira: primeiro, aborda o Gabinete, contendo descrições dos espaços e do acervo; em seguida, a entrevista com Pizzoli, em que ele comenta sobre suas atividades nos seis meses em que esteve em São Paulo, além de compartilhar críticas à educação paulista e suas impressões sobre as instituições de ensino que visitou; logo depois, uma entrevista com o comendador Tiburtino Mondin Pestana que, tendo frequentado os cursos, relata a sua experiência como aluno de Pizzoli; por fim, um comentário de Antonio Piccarolo, diretor da *Rivista* e que assina o texto, sobre o significado e o valor dos esforços de um intelectual italiano em terras brasileiras. Apesar das diferenças, todas as partes da matéria giram em torno da presença de Pizzoli em São Paulo. O leitor encontrará, no decorrer da leitura, fotografias de autoridades, do acervo do Gabinete e de alunos que frequentaram os cursos fazendo uso dos aparelhos em escolares.

Destaco, por fim, que antes de ser uma entrevista, o texto é uma fonte documental, publicada originalmente em italiano e que ofereço uma tradução para a língua portuguesa. Nesse sentido, visa a ser uma contribuição aos estudos historiográficos sobre a Educação e a Psicologia no Brasil, especificamente sobre as relações históricas entre a Educação paulista e a Pedagogia científica italiana.



O professor e o aluno, então; que o prof. Pizzoli ouviu e observou em S. Paulo, e aquilo que em S. Paulo se pensa dele: este é o conteúdo de nossas entrevistas em torno do trabalho realizado pelo prof. Pizzoli nessas terras.

O Gabinete de Antropologia e Psicologia Pedagógica

Ele me recebeu no grande Gabinete de Antropologia e Psicologia Experimental que ele havia estabelecido na Escola Normal, com uma cordialidade tal qual de velhos amigos. Sua bela testa aberta e espaçosa, em que o fogo da inteligência resplandece, tornou-se ainda mais serena ao se deparar com um velho colega que, mesmo em Itália, ao ensino médio, clássico e normal, deu muitos de seus anos de juventude e muito entusiasmo.

O ambiente era atmosférico e nos levou imediatamente a falar sobre o Gabinete em que estávamos, dos instrumentos que nos cercavam por todos os lados e que, para mim, guardavam muitas lembranças doces.

O Gabinete de Antropologia organizado pelo Dr. Pizzoli mereceria um estudo especial em si mesmo: como este não é o lugar apropriado para fazê-lo, limitar-me-ei a uma breve descrição, seguindo a que foi feita pelo Dr. Thompson em seu trabalho ora publicado: «O futuro da pedagogia é científico».

Este Gabinete ocupa duas grandes salas interligadas entre si. Na parede divisória destas salas há duas janelas com telas especiais. Uma e outra são usadas para projeções transparentes, para fins educacionais. As salas estão equipadas com cortinas para produzir a escuridão e um sistema de luz elétrica correspondente a todos os usos necessários.

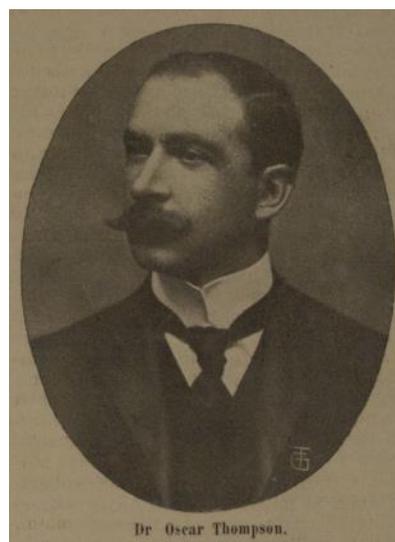
A primeira sala é destinada ao exame somato antropológico e aos de natureza estesiométrica dos meninos. Com a ajuda de aparelhos e instrumentos antropométricos, a criança é estudada em suas formas externas, as modalidades de suas funções, seu tipo de raça, de forma a poder deduzir as relações correspondentes ao tipo médio normal para sexo, idade, condições ético-sociais.

No primeiro canto à esquerda, ao longo da parede divisória, há um antropômetro, um balanço, dois espirômetros, um por imersão de Pizzoli e outro por ar de Mathieu, para medir a capacidade pulmonar, e um campímetro ou perímetro oculto para estudar a extensão do campo visual.

No armário na parede oposta há numerosas bússolas para medidas crônicas e faciais; goniômetro para prosopometria lateral; dinamômetro, gráficos de dinamômetro, espirômetros e uma câmera fotográfica. Há também várias pinturas e modelos com a cor natural da pele, do cabelo e dos olhos.

De grande importância para a pedagogia é o exame extensométrico e estesioscópico de crianças, que é feito por meio de numerosos instrumentos. Pelo qual nesta mesma sala há um optômetro para a acuidade visual e outro para a potência fotométrica; um estesioscópico cromado, uma escala de ruídos e outro de sons.

Em seguida, vemos dois estesiômetros, um baroestesiômetro e um baroestetoscópio, o primeiro para o estudo da sensibilidade tátil, os outros dois para a sensação do peso. Dois aparelhos estesiognósticos estudam a sensação da forma: dois termo-estetoscópios a sensação térmica; escalas geo-espaciais e osmoscópicas são usadas para estudar o gosto e o olfato. Este último também pode ser medido em graus por meio do olfatômetro.



Uma série de cabeças de plástico dão a ideia de um museu de anomalias somáticas; uma coleção muito útil para o ensino da antropologia. Assim como outro material didático para ensinar as noções de Biologia Pedagógica; exemplares de órgãos dos sentidos, movimento, seções do cérebro, exemplares da anatomia humana, e material para o ensino da estesiologia. O equipamento desta sala é complementado por um grande aparelho de projeção.

Na segunda sala, destinada ao exame psicológico das funções mentais mais elevadas, observa-se um grande armário e quatro grandes mesas, duas das quais cobertas de uma caixa de vidro, tudo realizado em S. Paulo sob a direção do prof. Pizzoli.

As duas mesas protegidas por um estojo traseiro, que contém os seguintes instrumentos de precisão: um quimógrafo, do tipo Zimmermann, que descreve as contrações do coração, o ritmo respiratório e a expressão gráfica da atenção que o indivíduo dá em uma série de sensações visuais, auditivas e táteis. Ao quimógrafo são aplicáveis o cardiógrafo, pneumógrafo e dispositivos de sinalização de Patrizi. Também se encontra nesta mesa um instrumento para examinar a atenção de um grupo de alunos. Todos esses instrumentos são acionados por uma engrenagem mecânica.

Na outra mesa envidraçada há dois cronoscópios, o de Arsonval e o de Pizzoli, para medir o tempo de reação dos atos psíquicos. O cronômetro Ferrari-Guicciardi mede o sentido do tempo; o ritmoscópio Pizzoli mede o grau de poder individual em seguir uma série de percepções acústicas em uma série rítmica; um outro dispositivo também de Pizzoli serve para examinar a atenção, a associação e a perspicácia intelectual.

A terceira mesa se destina quase exclusivamente à coleta de dados sobre sentido muscular, coordenação e movimento. Na verdade, aqui encontramos o mioestetoscópio Ferrari Guicciardi para o exame de coordenação de um único ato muscular; o mioestesioscópio Pizzoli para estudar a atenção grafomotora; o simbraquinescópio Pizzoli para coordenação muscular de atos superiores e pesquisas ambidestras; um pequeno ergógrafo para observar a fadiga muscular em crianças.

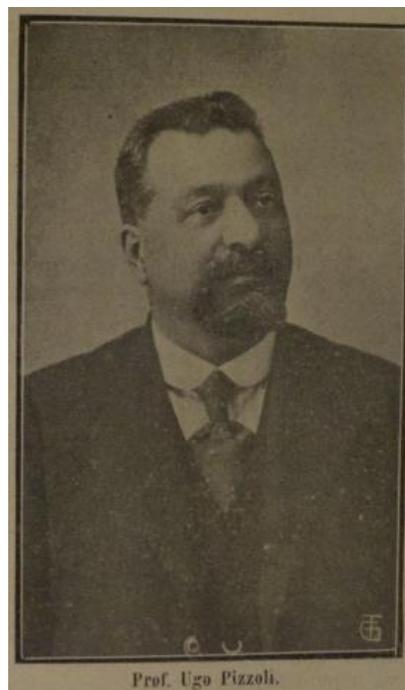
Na quarta mesa está o ergógrafo de Mosso, um modelo grande, para medir a fadiga muscular em adultos.

Em cima de uma mesa separada está um dispositivo interessante, projetado pelo prof. Pizzoli, pangraforivelador, cujo objetivo é descobrir as disposições das crianças para o grafismo artístico.

Na parede do fundo está um grande armário dividido em três compartimentos de dois andares. Na parte inferior há nove gavetas contendo abundante material didático; papéis ilustrados, diagramas psicológicos e demonstrativos, fotos com os resumos das aulas, fichas

biográficas e psicológicas e arquivos. Todo este material de demonstração está racionalmente dividido nas seguintes categorias: 1ª anatomia, 2ª fisiologia, 3ª psicologia, 4ª antropologia, 5ª higiene, 6ª metodologia, 7ª ficha biográfica, 8ª esquema psicológico, 9ª arquivo dos trabalhos feitos pelos professores de psicologia.

No primeiro compartimento superior há um cromestesioscópio universal para as medições mais delicadas do sentido cromático; uma coleção de dispositivos para ilustrar o ensino de antropologia e psicologia; um dispositivo para a "educação do sentido da cor"; um aparelho de Garbini para medir o sentido da proporção; três tactoestetoscópios; um aparelho estesiognóstico; coleções de pinturas ilustradas para o estudo da associação de ideias; alguns baroestetoscópio e outros dispositivos para o estudo de imagens reprodutivas e construtivas.



No segundo compartimento vemos o criptoseópio Pizzoli para examinar o raciocínio; um aparelho para educar o olfato; outro para a educação do sentido do espaço; outro de rotação; apresentação de letras, palavras e figuras, para exame de memória e da associação; aparelhos para estudar a ilusão do sentido bórico, para educação auditiva, para examinar a sensação tátil e motora, para examinar a herança intelectual das crianças; imagens ilustradas para o estudo das várias formas de memória.

No terceiro compartimento superior encontra-se o aparelho Pizzoli para exame de processo lógico; um goniômetro especial para o estudo do sentido de proporção ou assimetria; um aparelho para o estudo da memória cinética, orientação acústica, imagens para o estudo do estado emocional da consciência, material elétrico, uma coleção de alfabetos policromáticos para aplicações psicológicas, além de uma grande quantidade de material, figuras em relevo,

coleções de cores, formas, enfim um material completo para estudos especiais de psicologia experimental.

Todo este material é organizado em móveis novos, elegantes, construídos através do desenho do Prof. Pizzoli, distribuídos nas duas amplas salas de que acima falamos. Acrescente a isso o fato de que suas janelas olham para um vasto jardim verde de palmeiras e outra vegetação tropical, e o senhor terá uma ideia aproximada do Gabinete estabelecido pelo Pizzoli, o que despertou a admiração daqueles que tiveram a oportunidade de visitá-lo.

Fala o prof. Pizzoli

Com meus calorosos e sinceros parabéns ao ilustre professor pela forma completa e rápida com que ele havia conseguido organizar uma instituição tão importante em poucos meses, cheguei à principal razão que me levou até lá.

– A Revista Colonial, disse, que atende a todas as manifestações da vida italiana nestas terras, com uma predileção particular pelas manifestações intelectuais, sentiu-se obrigado, na véspera de sua partida, a visitá-lo para ouvir suas impressões sobre as escolas e o ensino em S. Paulo, que durante estes seis meses teve oportunidade de estudar diretamente. Quer ser tão gentil a ponto de dizer algo sobre isso?

– Não só isso, ele respondeu, mas estou muito feliz em poder fazê-lo, para que este testemunho apareça em uma revista italiana das impressões que trouxe durante minha estada em S. Paulo, que foram, devo dizer imediatamente, as melhores imagináveis.



GABINETE DE ANTROPOLOGIA PEDAGÓGICA

Medição da Estatura

Assim que cheguei, fiquei magnificamente impressionado com as instalações da Escola Normal, bem como pela simpatia e boa vontade demonstradas por todos aqueles a quem foi confiada a educação neste estado, desde a mais alta autoridade até o mais humilde dos

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V.8, N.3 - pág. 991 - 1010 set-dez de 2022: "Dossiê: Educação Especial numa perspectiva inclusiva, acessibilidade e inovação tecnológica". DOI: <https://doi.org/10.12957/riae.2022.71558>

professores. O edifício da Escola Normal, amplo, espaçoso, arejado, de construção moderna e informado por todos os padrões de higiene mais rigorosos, localizado no centro da cidade e tudo cercado por vastos jardins que quase a isolam do ruído da própria cidade e melhoram suas condições higiênicas, é um dos melhores que vi em minha vida, certamente não segundo os institutos congêneres encontrados na Europa. E a acolhida que me foi dada pelas autoridades e colegas não poderia ter sido melhor; começando com o S. E. o Dr. Altino Arantes, Secretário de Educação, que levou sua cortesia e incentivo ao ponto de querer apresentar algumas de minhas palestras, pelo distinto Dr. Oscar Thompson, Diretor de Escola, que não apenas com cortesias, mas com todo o apoio possível, foram generosos com o melhor cuidado no desempenho de minha missão, com todos os signatários que participaram de meus cursos, todos eles indiscriminadamente me cercaram com o melhor dos cuidados.

Assim como pude ler em todos um grande desejo: melhorar as condições da escola em São Paulo. O Governo que me chamou, o Diretor e os professores da Escola Normal, os diretores das várias escolas primárias de São Paulo e do interior do Estado, os professores que vinham às minhas aulas, todos me pareciam animados pelo nobre desejo de melhorar, elevar as condições do ensino em São Paulo, elevando-o ao nível dos mais bem organizados da Europa e de todo o mundo.

De fato, quando comecei a trabalhar para instalar o Gabinete de Antropologia e Psicologia Pedagógica, não me foram poupados os meios necessários para uma boa instalação. Tendo colocado à minha disposição duas grandes salas, bem arrumadas e adequadas ao propósito, mandei construir o mobiliário necessário de acordo com meu projeto e sob minha direção; prateleiras, expositores, mesas etc. e comecei a instalar todos os instrumentos trazidos da Itália, especialmente de Milão, onde hoje são fabricados instrumentos que podem resistir a qualquer comparação. A triagem foi feita sistematicamente para Antropologia e para a Psicologia, os instrumentos montados sobre mesas e dispostos de tal forma que possam trabalhar de um momento para o outro e realizar as buscas necessárias com o mínimo de esforço. Posso afirmar com segurança que hoje a Escola Normal de São Paulo tem o que há de melhor em material didático para a Antropologia ou a Psicologia.

Ao mesmo tempo no Gabinete iniciei meu trabalho didático propriamente dito, ou seja, de ensino teórico-prático, com quatro cursos ou grupos de aulas. O primeiro curso foi feito para os alunos da Escola Normal e eram quatro aulas por semana durante os seis meses que fiquei aqui. O segundo, de cerca de 30 aulas de psicologia pedagógica, foi para os professores da Escola Normal, com a participação também do Diretor, e foram, sobretudo, aulas técnicas sobre o uso das ferramentas e materiais didáticos do Gabinete, aulas experimentais cujo resultado foi

uma série de teses escritas por professores individuais que agora, reunidas, são publicadas num volume do qual tenho o prazer de vos oferecer um dos primeiros exemplares. O terceiro foi um curso gratuito e popular de cerca de vinte aulas dadas para o público em torno da Antropologia e da Psicologia. O quarto, então, foi especialmente destinado aos Diretores de Grupos Escolares, Inspectores do Governo e professores de Pedagogia em escolas normais do interior do Estado, sendo que este último curso consiste em cerca de cinquenta aulas.

Devo mencionar também, entre os trabalhos realizados, uma ficha biográfica estudada e aprovada por minha proposta e com meu modelo por uma Comissão que incluía o Diretor do Hospício para os alienados de Juquery, o Dr. Franco da Rocha, do Diretor do Departamento de Higiene, o Dr. Guilherme Alvaro; do Diretor da Escola Normal Dr. Oscar Thompson e do Diretor Geral da Educação Pública, Dr. João Chrysostomo. Esta ficha biográfica já foi adotada pelo Governo e entrará em uso com o próximo ano letivo.



GABINETE DE PSICOLOGIA PEDAGÓGICA

Com os cronoscópios de D'Arsonval e Pizzoli, os tempos de reação e as sensações táteis e visuais são estudados.

À esquerda o Dr. O. Thompson anota o tempo de reação e as sensações táteis e visuais.

Em resumo, portanto, repito que a impressão que tive em relação aos lugares sob o ponto de vista didático e estético não podia ser melhor.

Tive a mesma impressão quando visitei todos os Grupos Escolares da cidade instalados em edifícios recém-construídos, onde prevalece soberano o princípio higiênico e educacional,

sem poupar nas despesas, aliás com um certo refinamento até nos detalhes, o que demonstra toda a boa vontade do Estado em aperfeiçoar seu próprio organismo escolar.



Experiência ergográfica realizada pelo Dr. Oscar Thompson
 com o «Ergógrafo Mosso»

– Meus cumprimentos, estimado professor, por todo o trabalho que o senhor realizou. Não é à toa que cresceu tanto entusiasmo à sua volta, como pude pessoalmente convencer-me. Estou encantado com as descobertas que o senhor fez e com a satisfação que mostra das escolas paulistanas. Mas, quanto à ordem geral das escolas estudadas, o senhor não tem nada a dizer? Não observou lacunas, não aconselhou o modo como preenchê-las?

– Uma vez que o senhor deseja, vamos tratar também deste ponto da questão escolar.

Fui chamado aqui pela confiança do Governo e essa confiança falharia, se não dissesse todo o meu pensamento e com plena e incondicional aprovação do que achei bom, aliás excelente, não opinaria também para aqueles pontos em que a Escola de S. Paulo me parece precisar de melhorias.

A Escola Normal de S. Paulo impressiona sobremaneira, não só por sua organização, pela disciplina que impera nesta, pela boa vontade de seus professores, pela riqueza de seu material didático, possuindo novos gabinetes de química, física e ciências naturais; pelo ensino exemplar do canto, confiado ao entusiasmo do mestre João Gomes, e à ginástica; mas também pelos seus anexos, pela parte complementar que ele foi capaz de anexar. Portanto, o jardim de infância anexo à Escola Normal, tanto em termos de edifício como de mobiliário, é rico, bem construído, completo; e são excelentes as escolas primárias que também são usadas para o estágio dos estudantes da Escola Normal.



Experiências do raciocínio com «Logortoscópio Pizzoli»

Isto, no entanto, não me impede de ver nesta ordem uma falha, na verdade duas falhas que francamente me entristecem. Por muito tempo e com uma convicção muito profunda, abracei a causa da escola, fazendo dela minha missão, para poder permanecer em silêncio e esconder meus pensamentos sempre que estou convencido de que há algo a ser feito, algo a ser melhorado.

A primeira lacuna, porquanto, que observei no arranjo geral é a falta de continuidade entre o Ensino Fundamental ou o Normal. As crianças são abandonadas aos 12 anos do Ensino Fundamental, e aqueles que pretendem continuar seus estudos aos 16 anos na Escola Normal devem se preparar por conta própria, com professores particulares, para poder prestar o vestibular. Em nenhum país da Europa podemos encontrar este salto, esta solução de continuidade, tendo a lacuna sido preenchida em todos os lugares com cursos preparatórios especiais. Na Itália, por exemplo, existe um curso preparatório chamado curso complementar, que tem duração de três anos.

São vários os danos causados por essa lacuna. Em primeiro lugar, o que podemos esperar desta preparação privada? Faltarão homogeneidade, variará de acordo com os indivíduos solteiros que se dedicam a tal preparação, na maioria apressados e carentes das relações e constrangimentos necessários com a futura escola normal, para que os alunos se apresentem diversamente preparados, solicitando um trabalho especial para colocá-los em um nível intelectual aproximado. E vice-versa, espera-se então que esses alunos desenvolvam suas personalidades de ensino em quatro anos.

Erro grave! Na personalidade didática do professor, como aliás na maioria das manifestações morais do indivíduo, a mímica tem uma importância muito grande, superior à

que muitos suspeitam. Assim, a convivência com jovens adultos de idade e estudos, observando o que eles fazem e querendo imitá-los, desperta nos novos alunos o espírito pedagógico, juntamente com o espírito de emulação. E é assim que se forma a consciência didática que sozinha, pode dar o bom professor.

Este é o método seguido nos seminários e resulta em uma vocação sacerdotal. O menino começa como coroinha para prestar os mais humildes serviços em sacrifícios divinos, sempre de olho no padre, sempre no desejo de ser padre, sempre repetindo: - serei padre; e o espírito acaba sendo tão inibido por essa convicção, ou sua natureza desse espírito de imitação, que a vocação sagrada emerge bela e completa da sugestão dos anos juvenis.

Agora, o espírito de ensino é em si mesmo uma sacralidade que precisa de sua vocação, e isso deve ser encontrado precisamente naqueles seminários de cultura e de civilidade que são as Escolas Normais. Como não há continuidade nestas, também falta ou se torna mais difícil a auto-sugestão da vocação pedagógica.



Experiências do raciocínio com «Criptoscópio Pizzoli»

Na Itália, aqueles que tendem para uma carreira magisterial fazem, em sua maioria, a escolaridade primária, complementar e normal nas mesmas instalações, com os mesmos professores, com os mesmos colegas estudantes, seguindo um único endereço; dando assim aos professores a oportunidade de estudar e conhecer o temperamento psíquico de seus alunos, estudar suas aptidões vocacionais e formar, corrigir e completar sua verdadeira personalidade docente.

É inútil, portanto, que eu insista nos danos causados por esta falta de continuidade na organização escolar, e só me resta esperar que também no Brasil, seguindo este tipo de organização europeia, a lacuna lamentada seja eliminada.

Mas outra lacuna ainda, de meu modo de ver, apresenta-se no ordenamento escolar brasileiro, que já abordei em carta aberta dirigida ao Secretário da investigação, Dr. Altino Arantes, e publicada pelo Estado de S. Paulo de 3 de julho de 1914. Entre os jovens que saem da Escola Normal após concluir o curso e também fazer estágio nas escolas primárias anexas, alguns são mais inteligentes, mais dispostos que não se adaptam a passar a vida no ensino fundamental, mas sentem-se conduzidos a um cargo mais elevado, a ocupar os cargos de diretor, inspetor, professor das próprias Escolas Normais. Agora, que meios de preparação são oferecidos a esses jovens?

Há nove anos na Itália, o Estado abre as portas da Universidade para esses jovens professores. Uma escola especial para professores foi criada dentro das Faculdades de Letras e Filosofia, com duração de dois anos. Neste biênio, ensina-se: Literatura Nacional, Filosofia, Pedagogia, Psicologia, Legislação Escolar, História da Civilização, Estética, História da Arte. Tendo chegado ao final do curso e tendo feito os exames individuais para cada disciplina, o aluno faz um exame geral de diploma para o qual lhe é conferido o título. Chama-se «Escola Universitária de Especialização Pedagógica» e com o título nela obtido, homens e mulheres podem participar dos concursos de Diretor Didático, Inspetor e Inspetor Escolar Adjunto do Governo.



GABINETE DE ANTROPOLOGIA PEDAGÓGICA
Medidas Antropométricas

Esta escola, como se vê, tem propriamente a função de selecionar os melhores entre os professores do ensino fundamental e adequá-los à função de gestão e fiscalização do ensino fundamental. O que falta absolutamente no Brasil, onde são chamados a ocupar esses cargos de especial responsabilidade, como os de diretor, inspetor, professor de pedagogia, elementos na maioria das vezes muito bons, mas em geral autodidatas, não dotada, portanto, daquela presunção oficial que dá ao Estado e à sociedade a segurança preventiva de ser chamado para ocupar determinados cargos pessoas dotadas dos requisitos necessários para corresponder à confiança e expectativa geral.



GABINETE DE PSICOLOGIA PEDAGÓGICA

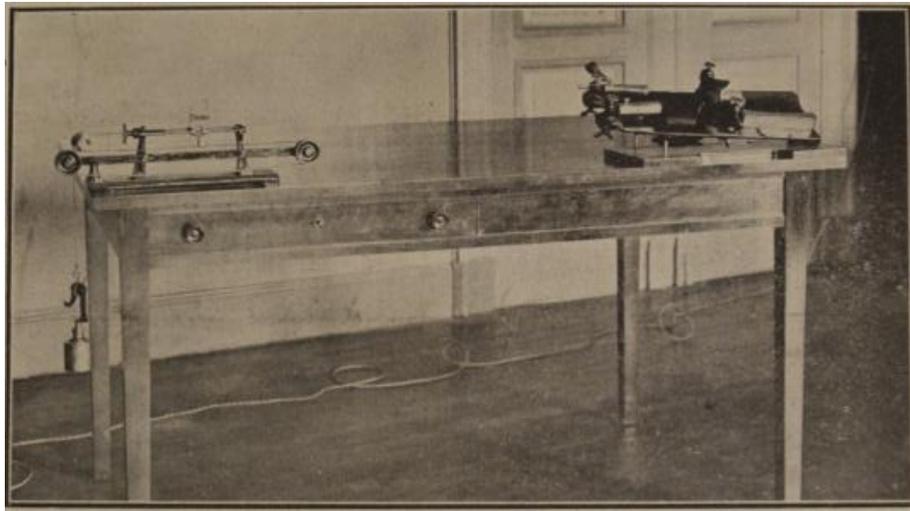
Cronometria e Quimografia

Este seria o caso se a Escola de Especialização Pedagógica que tenho defendido fosse criada na Escola Normal de S. Paulo, ou proposto a S. E. Dr. Altino Arantes, Secretário do Interior e da Educação Pública, na referida carta aberta.

O Prof. Pizzoli havia falado com o entusiasmo dado pela convicção de quem sabe que está cumprindo uma nobre e santa missão, mostrando-me num só fôlego, em suma, todo o fruto de seus seis meses de observação nas escolas deste país, para os quais, não achando útil insistir e fazer outras perguntas, me limitei a provocar as conclusões, e ele certamente:

– As conclusões? Vou-me satisfeito com meu trabalho que aqui encontrou um eco tão profundo ou geral que me faz bem separar do resultado, satisfeito com o acolhimento que me foi dado indiscriminadamente por todos os brasileiros, na esperança de que a semente lançada em solo quase virgem dê frutos, fecundada pelo entusiasmo do Diretor e de todos os bons professores que compõem o corpo docente da Escola Normal. Faço votos ao mesmo tempo em que o corpo docente paulistano seja completado com a introdução das duas reformas por mim

indicadas as quais serão bases e recurso da educação magistral neste país. E esperar que isso aconteça dá-me razão da boa vontade, da cultura, do espírito ativo e vivo do homem que, sobrepujando às coisas da Educação, o ilustre Dr. Altino Arantes que tanto interesse demonstrou e demonstra para o futuro da escola no Estado de São Paulo.



GABINETE DE PSICOLOGIA PEDAGÓGICA

Ergógrafo Mosso

Esta engenhosa invenção do grande fisiologista italiano tem muitas aplicações na ciência em geral. Para se convencer disso, basta ler o livro do próprio Mosso, *La fatica*, no qual o ergógrafo encontra sua primeira aplicação.

Fala o comm. Mondin Pestana

Entre aqueles que não só participaram dos cursos do Prof. Pizzoli, mas também fizeram seus exames, estava o nome do Comm. Tiburtino Mondin Pestana, oficial do gabinete da Secretaria de Estado do Interior.

Figura singular de homem e temperamento forte de trabalhador aquela do comm. Mondin Pestana. Já não tão jovem, pois é pai de homens já crescidos, conserva o entusiasmo da juventude, sobretudo no que diz respeito ao estudo, o desejo ardente de saber. Difícil de fato é encontrá-lo na rua sem um livro na mão, principalmente depois das quatro da tarde, quando ele sai do escritório para visitar livrarias, para fazer seu suprimento de pão intelectual diário. Então ele ficou interessado, entusiasmado com qualquer nova manifestação de vida intelectual, e quando Pizzoli chegou, ele queria fazer os cursos e também se sentar para os exames, adquirindo um título pedagógico; e tendo aberto um curso livre de filosofia, frequentou-o assiduamente e nestes dias acaba de prestar o exame e adquirir o título de Doutor em Filosofia.

– Um título que não me será útil, disse ele no dia do exame, mas que será pelo menos um exemplo para os jovens que aprenderão que, quando se quer, pode-se fazê-lo.

A este homem, portanto, que foi aluno de Pizzoli, eu queria voltar-me para as impressões despertadas por nosso ilustre compatriota entre seus discípulos e o conceito que estes fizeram dele e de seus ensinamentos.

O comm. Mondin Pestana que é tão afável quanto estudioso, colocou-se de boa vontade à minha disposição e imediatamente, à minha pergunta sobre o porquê de ter se matriculado e frequentado o curso do prof. Pizzoli, respondeu:

– Certamente não porque eu tenha qualquer intenção ou possibilidade de usar o título. Assisti à primeira aula por dever oficial, e fiquei tão impressionado que voltei à segunda, a terceira, continuei até o final e até fiz o exame. Fui um aluno espontâneo, uma verdadeira conquista do conhecimento e da arte didática do Prof. Pizzoli.

– E quais eram as qualidades do Prof. Pizzoli que o atraíam acima de tudo?

– Falarei francamente com o senhor. Antes ainda das habilidades científicas, muito grandes, o que à primeira vista impressiona no Dr. Pizzoli é o entusiasmo, a força moral, a autoconvicção, a profunda sinceridade que emana de todo o seu trabalho. Ele possui o fogo sagrado da convicção, da consciência pedagógica, e nisso reside, sem dúvida, a chave do segredo pelo qual ele é tão facilmente capaz de instilar seu entusiasmo nos outros, de convencer, de arrastar, de criar prosélitos, de fazer escola. Basta assistir a uma única aula de Pizzoli para se convencer de estar diante de um indivíduo profundamente sincero, um indivíduo que não exerce uma profissão, mas que exerce uma missão.

À medida que as aulas prosseguem, então, a influência científica segue a influência moral. Seu ensino é todo composto, materializado, eu quase diria, de ciência, ciência positiva, rigorosamente experimental. Não só para mim, mas para todos os outros que também fizeram os seus cursos, desde a sua escola foi a verdadeira revelação de um novo campo em termos de psicologia e sobretudo de pedagogia.

O estudo do campo das suposições e abstrações passou para o da experiência, a pedagogia não era mais considerada como um princípio absoluto, mas como um fato relativo, a pedagogia por si só não era mais estudada, mas aplicada ao indivíduo, ao aluno.

E tudo isso - o que faz quase parecer materializar tal estudo - animado pela mais pura e nobre idealidade, já que o experimentalista Pizzoli é na realidade um grande idealista, animado por um caloroso otimismo e uma fé inabalável na perfeição humana e na obra educativa do próprio homem.

– E quanto ao método de ensino, o que o senhor conseguiu observar?

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V.8, N.3 - pág. 991 - 1010 set-dez de 2022: "Dossiê: Educação Especial numa perspectiva inclusiva, acessibilidade e inovação tecnológica". DOI: <https://doi.org/10.12957/riae.2022.71558>

– Muitíssimo eficaz. Com isso, eu teria dito tudo. Entretanto, devo acrescentar que sua eficácia deriva especialmente da simplicidade com que ele sabe expor até mesmo as doutrinas mais abstratas. Sua exposição calorosa e atraente agarra o ouvinte sem lhe dar a mínima sensação de cansaço, tanto que às vezes suas aulas em vez da hora sacramental duravam quase duas horas, para o prazer e a satisfação de todos nós que o escutávamos.



O Prof. Pizzoli com um grupo de participantes de suas aulas.

Além disso, cada ideia apresentada foi sempre apoiada por uma demonstração prática, e quando as ferramentas não eram suficientes, ele recorreu ao desenho na lousa, em que ele é muito habilidoso e com uma presteza maravilhosa.

- Pela qual ela considera benéfico para a escola brasileira a missão do Dr. Pizzoli.

- Sem dúvidas. Considero-a muito útil, tanto que não duvido em prometer que o Governo, de uma forma ou de outra, o chamará de volta aqui para continuar o trabalho tão vantajosamente iniciado. O Pizzoli é um homem que poderia ser de inesgotável utilidade para nossa escola, e cujo trabalho o Governo Estadual deveria agarrar ao custo de qualquer sacrifício.

Repetindo este voto por minha conta, deixei, agradecendo-o, o Comm. Mondin Pestana, que havia se expressado com o entusiasmo de um jovem.

Falamos nós

E agora algumas palavras de comentário de nossa parte sobre o significado e o valor do trabalho realizado pelo Prof. Pizzoli, especialmente do ponto de vista dos interesses italianos no Brasil.

Muitas vezes lamentamos que em questões de expansão ou influência intelectual, a Itália, que tem um magnífico movimento de ideias, tanto no campo das ciências como naquele das artes, de tal forma que não se sentia atrás de nenhuma das nações europeias modernas, havia se deixado levar, reduzindo-se a ser uma parte inteiramente secundária. Não faz muito tempo que, a partir destas colunas, fizemos um apelo desesperado ao MM. Luigi Luzzatti, considerando-o o homem mais adequado para isso, para que quisesse se tornar o patrono dos interesses intelectuais italianos nessas terras, ameaçados por outras nacionalidades mais hábeis e mais prudentes do que nós.

No ano passado, por ocasião da exposição de arte moderna francesa, em grande parte subsidiada pelo Governo do Estado de São Paulo, comparando o fracasso desta exposição coletiva em que esteve representada, ou deveria ter sido representado, todo o esforço da arte francesa, e o pleno e indiscutível sucesso da exposição individual do pintor italiano Giuseppe Amisani, observamos melancolicamente como na Itália tudo foi deixado à iniciativa privada, mesmo quando isso não foi indiretamente impedido, enquanto em outras nações a importância de tais problemas foi melhor compreendida e com um esforço coletivo foi possível ocupar os primeiros lugares e nos deixar à sombra, ainda que os meios à sua disposição não fossem superiores aos nossos.

Temos o prazer de constatar hoje outro sucesso individual, outra afirmação de nossa raça sempre alegre, sempre na vanguarda de todas as lutas pelo progresso e a conquista da civilização.

Em 1813, quando toda a Europa estava em chamas, não era possível prever quando o fogo napoleônico se extinguiria, em meio ao clamor das armas, um solitário, Giorgio Hegel levava à editora seu primeiro trabalho que foi acender tanto fogo no campo das ideias e renovar tanto do pensamento humano.

Hoje, enquanto a Europa arde com um fogo não menos que o napoleônico, um homem solitário, modesto e sozinho, vem aqui para semear as sementes de uma revolução que vai renovar o sistema escolar deste país, como que para demonstrar que enquanto o massacre consome os velhos países europeus, a educação e a inteligência encontram hospitalidade nestas novas terras.

Regozijamo-nos por este homem pertencer à nossa família italiana, ou nos regozijamos por seu trabalho ter encontrado uma aprovação tão ampla e unânime. O Prof. Pizzoli não realizou apenas um trabalho de ciência, mas ao mesmo tempo uma obra de puro e sublime italianismo, que aqui servirá para sustentar o valor intelectual e moral de nossa família, provando que hoje, como no passado, a Itália se sobressai tanto no trabalho manual quanto no da inteligência.

E também nos alegramos com S. E. o Dr. Altino Arantes, Secretário de Interior, e com o Dr. Oscar Thompson, pela feliz escolha que puderam fazer, no interesse da escola paulistana.

A. PICCAROLO

Agradecimentos

Ao corpo editorial da RIAE pela atenção e acolhimento quando propus a publicação da entrevista. Também agradeço à Heliana Conde pela sugestão e generosidade de sempre.

Fonte documental

PICCAROLO, Antonio. Un educatore italiano in S. Paulo (intervista col Dr. Ugo Pizzoli e col comm. Tiburtino Mondin Pestana). *La Rivista Coloniale*, v. 5, n. 20, nov. 1914.

Sugestões de leitura

CENTOFANTI, Rogério. Ugo Pizzoli. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 2, n. 1, p. 71-88, 2002.

CENTOFANTI, Rogério; Tomasini, Maristela Bleggi. *O livro dos cem anos do Laboratório de Psicologia Experimental da Escola Normal Secundária de São Paulo 1914 – 2014*. São Paulo: Rogério Centofanti, 2014.

ROSA, Hugo Leonardo Rocha Silva da. Ugo Pizzoli. In: BORSA, Juliane Callegaro.; LINS, Manuela Ramos Caldas; ROSA, Hugo Leonardo Rocha Silva da. *Dicionário de Avaliação Psicológica*. São Paulo: Vetor, 2022, p. 351-355.